



O *new journalism* entre o factual e o ficcional: das aproximações entre literatura e jornalismo

Humberto Ivan Keske

Resumo: A proposta do presente texto sobre literatura e jornalismo: áreas complementares e não excludentes, visa discorrer sobre a aproximação entre ambos os gêneros, dando ênfase ao *fazer jornalístico*. Em um primeiro momento, surge a necessidade de um sucinto painel histórico, contextualizando o mundo do jornalismo que, em suas origens, contava com a participação ativa de escritores nas redações de jornais. O *new journalism* aparece nessa perspectiva como a primeira experiência de rompimento admitida ao esquematismo tradicional da imprensa, seja pela indignação do conservadorismo; seja pela irreverência em relação às regras básicas do jornalismo, como objetividade e distanciamento dos fatos.

Palavras-chave: Novo jornalismo - Jornalismo - Literatura

Abstract: The proposal of the present text on literature and journalism: as complementary and not exculpatory areas, aim at to discourse on the approach between both the sorts, being given emphasis when journalistic making. At a first moment, the necessity appears of a brief historical panel, contexting the world of the journalism that, in its origins, counted on the active participation of writers in periodical writings. New journalism appears in this perspective as the first experience of disruption admitted to the traditional squeak of the press, either for the indignation of the conservatism; either for the irreverence in relation to the basic rules of the journalism, as objectivity and to moving away of the facts.

Key words: New journalism - Journalism - Literature

Resumen: La propuesta del actual texto sobre literatura y periodismo: áreas complementarias y no excluyentes, tienen el objeto de discurrir sobre el acercamiento entre ambas los géneros, con énfasis en la fabricación periodística. En un primer momento, aparece la necesidad de un breve panel histórico, contextualizando el mundo del periodismo que, en sus orígenes, contaba con la participación activa de escritores en las redacciones periodísticas. El nuevo periodismo aparece en esta perspectiva como la primera experiencia de la interrupción admitida al chirrido tradicional de la prensa, sea por la indignación de lo conservadorismo; sea por la irreverencia respecto a las reglas básicas del periodismo, como objetividad y distanciamiento de los hechos.

Palabras clave: Nuevo periodismo - Periodismo - Literatura.

Humberto Ivan Keske é Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Jornalista e Professor do Centro Universitário FEEVALE - Novo Hamburgo. *e-mail:* humberto@feevale.br

Introdução

A literatura é a base da formação cultural do jornalista e da qualificação do texto por ele elaborado. Tão intensa é esta relação de troca que muitos jornalistas já se deixaram seduzir, em seus textos técnicos, pela palavra-revelação originária da literatura. Ao transpor os limites estabelecidos para a linguagem jornalística, o jornalista importou elementos para auxiliá-lo na conquista de seu principal objetivo, que é prender a atenção do leitor. Desta forma, o jornalismo foi abrigo de escritores que se transformaram em repórteres, cronistas e mesmo editores de seus periódicos, numa época em que ainda não existiam definições técnicas de qual linguagem seria mais adequada aos jornais. E é assim que esta convivência tão próxima permite a *permeabilidade*, espaço onde as narrativas jornalística e literária perpassam os elementos de uma para outra, se misturam e se comunicam.

Literatura e jornalismo constituem-se em dois universos simbólicos distintos, mas cuja convivência permite algumas proximidades que ultrapassam a liberdade de escrita proporcionada pela literatura, ou o “esquematismo técnico”, normalmente exigido pelo jornalismo, especialmente o informativo. É assim que o jornalismo, mesmo com a obrigatoriedade de manter-se fiel aos fatos, vai se permitindo à utilização de elementos da literatura. A partir de textos escritos nos moldes informativos, parte-se em busca de uma maior identificação com o leitor, manifestada através de gêneros como o opinativo, especialmente em artigos e crônicas diárias, ou como o interpretativo, que dá ênfase às grandes reportagens, cada vez mais raras na atual imprensa brasileira, ou aos perfis, seja de personalidades ou de instituições.

Essa transposição de gêneros, que muitos autores preferem chamar de *hibridismo jornalístico* se traduz em reportagens mistas, recheadas de informações, de histórias de vida, de metáforas, de relatos de sentimentos, de articulação de idéias. Certamente, essa nova proposta de escrita promove uma desconstrução dos modelos tradicionalmente aceitos para o *fazer jornalístico*, tendo como

- AGUILERA, Octavio. *La Literatura en el Periodismo*. Madri: Paraninfo, 1992.
- JOBIM, Danton. *O Espírito do Jornalismo*. São Paulo: Edusp, 1992.
- LAGE, Nilson. *A Estrutura da Notícia*. São Paulo: Ática, 1985.
- LIMA, Alceu Amoroso. *O Jornalismo como Gênero Literário*. Rio de Janeiro: Agir, 1960.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas: O livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas: Unicamp, 1993.
- MEDINA, Cremilda. *A Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. *Notícia um Produto à Venda: jornalismo na sociedade urbana industrial*. São Paulo: Summus, 1988.
- _____. *Povo e Personagem*. Canoas: Ulbra, 1996.
- MORIN, Edgar. *O Método I: a natureza da Natureza*. Lisboa: Europa-América, 1977.
- OLINTO, Antônio. *Literatura e Jornalismo*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1955.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- WOLFE, Tom. *El Nuevo Periodismo*. Barcelona: Anagrama, 1976.

objetivo revelar o verdadeiro colorido dos fatos cotidianos. O jornalismo descobre, então, que não perde a característica da narrativa jornalística de seu texto. Pelo contrário, respeitando-se as regras básicas conceituais, ainda vê somado ao seu trabalho, qualidade e vivacidade. Ao buscarem um modelo que não o convencional, alcança-se um texto mais humano, interessante, cativante e descontraído, chamado a atenção de um leitor cada vez mais disperso pelo montante de informações diárias a que tem acesso na imprensa escrita.

Do amor pela escrita: breve histórico das redações jornalísticas

A partir da segunda metade do século XIX e até os primeiros anos do século XX a literatura e a imprensa confundem-se: os jornais publicam suplementos literários, folhetins e abrem espaço para a arte literária. É como se o veículo jornalístico se transformasse em uma indústria periodizadora da literatura da época. Os escritores aproximavam-se dos jornais em busca de notoriedade. Esse aspecto divulgador, oportunidade inovadora de chegar à coletividade, é o fator que atrai os escritores e, ao mesmo tempo, inaugura o tradicional debate em torno do “vampirismo”, termo que se referia à influência que o jornalismo exercia sobre os ficcionistas. Afinal, toda a melhor literatura da época fez escala pela imprensa. Segundo o jornalista Nelson Werneck Sodré (1983), os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: “notoriedade em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível”.(SODRÉ, 1993, p. 136). O que mais unia literatura e jornalismo, entretanto, era a *boemia literária*. Nesta época, escritores em início de carreira como Machado de Assis e José de Alencar, que chegou a ser redator-chefe do Diário do Rio de Janeiro, eram aprendizes nas redações dos jornais. Trabalharam também como jornalistas Gonçalves Dias e Joaquim Manuel de Macedo, na Revista Popular e Manuel Antônio de Almeida, no Correio Mercantil do Rio de Janeiro.

O início do século XX traz para o jornalismo a determinação de que a *notícia* é a sua prioridade. Não mais importa o pensamento de um escritor; mas sim, a *informação* que ele tem a transmitir. O fator principal, que passa a ser exigido pelos Meios de Comunicação de Massa, é a *agilidade*. A industrialização implica a idéia de rapidez, e o jornalismo precisa ser mais direto. Com o aperfeiçoamento das máquinas de imprimir, do telégrafo e do telefone, e a transformação do espírito público, cada vez mais ávido por informação, uma metamorfose se opera no jornalismo. A informação passou a ser o grande foco de atenção do leitor. Nesse contexto de interesse do leitor pela notícia, define-se a necessidade de um profissional específico, e de uma técnica diferenciada da que o escritor aplica ao seu modo de escrever.

É desta forma que a rapidez em receber informações, cada vez mais atualizadas e de toda a parte do mundo, determina que a notícia *reduza o espaço* até então destinado às opiniões dos escritores. O tempo passa a ser muito valioso. O texto jornalístico se profissionaliza; não há mais espaço para divagações. Não há mais a preocupação com o valor da palavra em sua forma estética; mas o que prevalece é sua capacidade de *expressão momentânea*. As palavras passam a ser utilizadas pela sua agilidade de comunicação, pela facilidade de entendimento. As frases perdem, aos poucos, a sua subjetividade; precisam ser diretas, imediatas.

É nesta época que o rádio, ainda em processo de implantação no Brasil, coloca a informação com um imediatismo muito maior do que os jornais, o que exige a reformulação das redações e agências de notícias. A narrativa jornalística vai se tornando cada vez mais esquemática, encarcerada em limitações de espaço e tempo, cujo objetivo é atender às necessidades da indústria cultural.

O folhetim é substituído pelo colunismo; e depois, pela reportagem. A entrevista ocupa o lugar do artigo político. A objetividade começa a desbancar a subjetividade literária. A literatura é, no início, fonte de inspiração para o jornalismo. Logo depois, é ela que vem dar

ênfase à realidade viva, ao fato real, cansada de “inventar fatos”. Edvaldo Pereira Lima (1993), em *Páginas Ampliadas*, diz que o jornalismo absorve assim elementos do fazer literário, transformando-os, dando-lhes um aproveitamento melhor e direcionando-os a outro fim.

A literatura, até então, está basicamente interessada na escrita. Mesmo quando representa o real, através da ficção, a factualidade concreta, efetiva de acontecimentos, personagens e ambientes perfeitamente existentes e nominados, no espaço social e verdadeiro, não é, na maioria dos casos, o item primordial. As exceções estariam com os livros de memórias, com autobiografias, com os relatos de viagens. Mas, *grosso modo*, não há na literatura contemporânea dos primórdios da imprensa moderna atual, a necessidade do reportar, completamente factual. E é esta tarefa, a de sair ao real para coletar dados e retratá-lo, a missão que o jornalismo exige das formas de expressão que passa a importar da literatura, adaptando-as e transformando-as. (PEREIRA LIMA, 1993, p. 139).

A partir de uma abordagem multiangular, o autor percorre pontos de conexões onde se cruzam o jornalismo, a literatura, a história, a psicologia, a física quântica e a antropologia. Segue a corrente do jornalismo literário, resgatando sempre a evolução da grande-reportagem, de Euclides da Cunha à revista Realidade; do *new journalism* americano, aos experimentos de vanguarda do livro-reportagem contemporâneo no Brasil. É a partir deste contexto que Edvaldo Pereira Lima (1993), propõe as bases conceituais e os métodos para a prática de um jornalismo em profundidade, na forma de livro, que incorpore uma transformadora visão de mundo iluminada pelo emergente paradigma histórico.

Com as exigências capitalistas de tempo, espaço, rapidez e objetividade, e a necessidade de destacar o factual e de retratar assuntos de interesse da coletividade, foram criadas normas para o *fazer jornalístico*, o que iria distanciar de forma severa as duas narrativas. Entretanto, Aguilera (1992, p. 57), em *La Literatura em el Periodismo*, acredita que sempre existirá uma relação entre escritores e jornalistas, porque eles compartilham do mesmo instrumento de trabalho: a linguagem, ainda que seja com profundas diferenças e objetivos distintos.

A ficção (literatura) e a não ficção (jornalismo) seguem, então, por caminhos paralelos. Partindo de uma realidade concreta, com fontes autorizadas, que possuem identidade, registro cartorial e são datadas historicamente, e cujas declarações devem ser consideradas fidedignas, a narrativa jornalística mantém seu compromisso com as *verdades* de um povo. Já a literatura se permite ser ambígua, dialógica, conotativa e povoada de personagens desprovidos da obrigatoriedade e proximidade com o real.

Como diz Cremilda Medina (1996), em *Osmoses*, no livro *Povo e Personagem*, a linguagem jornalística tende a dar ênfase à sua função denotativa, já que vive sob a batuta referencial do real imediato, enquanto a literatura tende, com vigor, para a linguagem conotativa. A clareza e simplicidade (legitimidade) são ditames imperiosos na comunicação social; a arte vale-se da ambigüidade e de uma expressão complexa, podendo se permitir *ilegível* para o leitor não iniciado.

As fronteiras entre jornalismo e literatura não se esgotam apenas em nível de codificação, pelo contrário, permanecem aí vários pontos de convergência. O real, matéria-prima da notícia, provoca, este sim, a nova linguagem. Primeiro, o real imediato, o acontecer-presente; segundo, os protagonistas desta história, reais também; terceiro, as fontes de informação (especializadas ou não), como necessidade real para dar aval às observações subjetivas do jornalista (ou comunicador). Ora, na literatura, temos aí as diferenças flagrantes: o escritor não tem compromisso expresso com o real imediato (a não ser a “literatura-verdade”), vale-se de personagens e não de seres com identidade registrada, não é obrigado a comprovar suas intuições com vozes autorizadas que representem o conhecimento humano. (MEDINA, 1996, p.212).

Das leituras do cotidiano:

João do Rio e Euclides da Cunha

No Brasil, em meio a toda a ebulição social e cultural de 1900, outro escritor deixa-se fascinar pelos apelos de um cotidiano tão rico como o das ruelas do Rio de Janeiro, e inaugura um novo *estilo de contar* do dia-

a-dia. João do Rio é o historiador daquela época. Ele vê a literatura como uma espécie de jornalismo. A tendência à humanização, a descrição dos costumes de uma época e o retrato da sociedade de então, já estão presentes nos trabalhos de João do Rio. Em dois de seus livros *A Alma Encantadora das Ruas* e *Vida Vertiginosa*, por exemplo, já se percebe um montante de informações jornalísticas, dando a partida para o que hoje é visto como jornalismo moderno. João do Rio é um dos primeiros escritores no Brasil a transpor os limites entre jornalismo e literatura.

Cremilda Medina (1988), ao analisar as contribuições de João do Rio ao universo da informação jornalística, enumera a observação da realidade, a coleta de dados e informações por meio de entrevistas à fontes específicas, à fontes anônimas, ou à fontes imprecisamente identificadas; e a ampliação da informação nuclear em um certo aprofundamento de contexto, de humanização e de reconstituição histórica, como alguns dos elementos que já estavam presentes em suas obras. Quanto ao tratamento estilístico, ela atribui a João do Rio a descrição de ambientes e fatos e o repórter como narrador; o diálogo repórter/fonte; o ritmo narrativo da reportagem; a frase e os recursos literários. João do Rio inaugura a ambientação que hoje é utilizada como forma de contextualizar o fato. (MEDINA, 1988, p. 60).

Danton Jobim (1992), em *O Espírito do Jornalismo*, diz que se algum defeito têm as crônicas de João do Rio, “vem da *literatice*, da afetação literária, do brilho excessivo que explodia em paradoxos”. (JOBIM, 1992, p. 41). O estilo de João do Rio não é modelo para os dias atuais, mas é preciso, no entanto, avaliar a realidade da época e as suas inovações, que se mantêm mesmo com o passar dos tempos. Ele consegue assegurar a perenidade em suas obras, pois elas retratam a fisionomia de uma época. Entretanto, apesar das inúmeras obras mistas de reportagem e literatura que surgiram no cenário jornalístico nacional, é importante salientar aquele que é considerado o mais importante livro da literatura brasileira, e que tem

sua origem na publicação em capítulos. Trata-se de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Nelson Werneck Sodré (1992) reconhece a importância de *Os Sertões* para a literatura nacional, e discute a escolha pela narrativa literária e jornalística ao mesmo tempo. Para ele, Euclides da Cunha faz um texto jornalístico, enviado para o jornal, e que, só depois, elabora com cuidado e minúcia o livro, talvez por isso reconhecido como obra literária. É através desta obra, datada em 1902, que o jornalista Euclides da Cunha aprimora a visão da Guerra dos Canudos, que já domina as notícias do país e cria, ao mesmo tempo, uma autêntica reportagem jornalística e uma obra literária. (SODRÉ, 1992, p. 42).

Transposições de estilo: duas narrativas que se entrecruzam

Enquanto o escritor usa o imaginário para criar suas obras de ficção, os jornalistas se munem de recursos literários para reportar melhor a realidade. É esta *osmose*, na visão de Cremilda Medina (1996, p. 213), que deixam algumas dúvidas em relação a uma ou outra narrativa.

O papel do comunicador se especifica acima de tudo, no processo de comunicação, por causa do compromisso com o público, com o consumidor ou a demanda do mercado. O escritor pode se dar ao luxo de abstrair o seu leitor; o jornalista não. Com este limite, a criatividade na linguagem da comunicação social esbarra em qualquer ambição de vanguardismo, de total livre-expressão, sob pena de voltar atrás ao jornalismo grupal e se desmodernizar no contexto da grande audiência. Todo e qualquer veículo, por mais especializado que se apresente, procura atingir o maior número possível de pessoas. (MEDINA, 1996, p. 213).

Independentemente das questões de competência na codificação verbal, em que se verificam algumas nítidas fronteiras entre literatura e jornalismo, no âmbito dos símbolos que compõem a informação de ampla difusão ou à transfiguração estética, esbarra-se no que Cremilda Medina (1996, p. 214) determinou de *zonas es-*

curas. A palavra-revelação, aquela que se revela ao leitor, tanto é *virtualidade compulsiva* para o artista quanto é *necessidade social* para o jornalista comprometido com o humanismo. O escritor não se consubstancia em uma fria palavra analítico-descritiva, onde o fato é a revelação; mas sim, na narrativa sintético-reveladora.

É nesta zona, segundo a autora, que o jornalismo e a literatura deveriam se encontrar. A palavra jornalística é, em geral, empobrecedora perante o real imediato. A palavra literária é reveladora de vivências profundas. Cabe ao jornalista, que dela precisa, expor-se ao artista, fruí-lo e estudá-lo. Ambos se beneficiam da *osmose*. O aprendizado junto à arte traz ao comunicador estímulos e novas capacidades de simbolização. O jornalista precisa dos códigos de relação humana, e edificar com solidez a interação social criadora. Só assim poderá manifestar a *virtualidade complexa* perante o real imediato e a capacidade de o transfigurar em um novo diálogo com o leitor, o ouvinte ou o telespectador. A literatura ajuda o jornalista para que este se torne mais humano.

É nesta humanização da informação que surge um ponto de aproximação com a realidade do leitor. Cabe ao jornalista o papel de narrador (o contador de histórias), que busca melhorar a forma de recepção da notícia. Por outro lado, alguns elementos da literatura, se usados no jornalismo, podem comprometer o caráter jornalístico do texto, como o amálgama entre a ficcionalidade da literatura e o fato real da notícia jornalística. Entretanto, ainda existem elementos impossíveis de serem utilizados, como a atemporalidade da literatura, onde o narrador pode se encontrar em dois lugares distintos, ou ao mesmo tempo. Em relação a atemporalidade do jornalismo, o narrador-redator é obrigado a seguir uma narrativa encerrada no pretérito.

New journalism: do narrador ao redator

A primeira experiência admitida aos limites impostos à literatura e jornalismo surgiu nos Estados Unidos na década de 60. Tratava-se do *new journalism*, que

se caracterizou por descrever a realidade tão detalhada e fielmente quanto possível, conferindo a tal descrição um tratamento até então destinado ao romance ou ao conto. O new journalism veio atender uma insatisfação dos norte-americanos com a literatura, incapaz de acompanhar as rápidas mudanças comportamentais e sociais daquele país.

Truman Capote, um dos criadores deste estilo, chegou a definir o seu livro mais conhecido, *A Sangue Frio*, como um romance de não-ficção, como o próprio autor viria a classificá-lo, o que muda a história do jornalismo. Capote tinha a arte de lustrar fatos sólidos, com estilo vaporoso da ficção. *A Sangue Frio* é uma grande-reportagem de investigação escrita com a graça, a beleza e a técnica da novela realista.

Em *El Nuevo Periodismo*, Tom Wolfe (1976, p. 35) analisa que estão ultrapassados os limites convencionais do jornalismo, mas não simplesmente no que se refere à técnica. A forma de recolher o material é muito mais ambiciosa. É mais intensa, mais detalhada. Os escritores chegam a passar dias inteiros com as pessoas sobre as quais estão escrevendo. A idéia consiste em oferecer uma descrição objetiva e completa, algo que os leitores sempre tinham de buscar nos romances e nos contos; ou seja, a vida subjetiva e emocional dos personagens. O resultado é que os jornalistas e literatos tradicionais passaram a classificar este novo jornalismo de *impresionista*. Os seguidores do *new journalism* chegaram a ser acusados de entrar na mente das pessoas. É neste contexto que surge, logo depois, em 1968, outro ficcionista de reputação: Norman Mailer, entra no jogo do *new journalism*, denominando seu *Os Exércitos da Noite* de “história como romance, romance enquanto história”. (WOLFE, 1976, p. 35).

Em nível de comentário, a fonte inspiradora desses jornalistas é o realismo social, praticado por Balzac, Fielding, Smollett, Gógol e Dickens. O ponto de vista autobiográfico em terceira pessoa, renovado por Mailer; e o registro fiel dos traços do cotidiano, são os recursos técnicos de que se utilizam. Para Edvaldo Pereira Lima

(1993, p. 147), o *new journalism* resgataria, para esta última metade do século, a tradição do jornalismo literário e conduzi-lo-ia a uma cirurgia plástica renovadora e sem precedentes. No Brasil, é possível conjecturar que o novo jornalismo americano tenha influenciado dois veículos lançados em 1966, e que se notabilizaram por uma proposta estética renovadora: a revista Realidade, considerada a grande escola de reportagem moderna, e o Jornal da Tarde. Nesta mesma perspectiva, o autor de *Páginas Ampliadas* (1993, p. 182) diz que o *new journalism* abre as portas para que o jornalismo se iguale em qualidade narrativa à literatura. A única chance para que isso acontecesse com o jornalismo era o aperfeiçoamento dos meios, sem porém, jamais, perder sua especificidade. Isto é, teria de sofisticar seu instrumental de expressão, de um lado; e de outro, elevar seu potencial de captação do real.

A necessidade de uma maior aproximação entre jornalismo e literatura foi tão grande que alguns jornais diários buscavam elementos da literatura para enriquecer suas narrativas. São exemplos de textos que não se contentavam em reproduzir informações, com agilidade e precisão, mas sim, que humanizavam seus personagens, que contavam suas histórias de vida, revelando seus sentimentos, contextualizando os fatos e, ainda, oferecendo uma narrativa rica e atraente. O que parecia ser o ponto de discórdia entre os que defendiam ou não a inclusão do jornalismo entre os gêneros literários, e os que aceitavam ou não a transposição dos limites entre uma narrativa e outra, era a distinção entre forma e conteúdo, entre normas e exigências, entre recomendações e proibições, entre barreiras intransponíveis e zonas permeáveis. Muitas vezes este *abismo* antevisto não passava de purismos ou tergiversações sobre o mesmo tema.

De qualquer modo, esta *humanização da notícia*, trazida para os jornais, acarreta uma maior identificação com o leitor, papel desempenhado pela a narrativa literária, que empresta alguns de seus elementos para enriquecer a forma do *fazer jornalístico*. Pelo menos é o que acreditam inúmeros autores, tanto de uma área de atuação,

quanto de outra. É o caso de Danton Jobim (1992), Cremilda Medina (1996), Edvaldo Pereira Lima (1993), entre tantos outros que vêem a possibilidade de o jornalismo aproximar-se da obra literária. Antônio Olinto (1955, p. 55) defende que o jornalismo tem as mesmas possibilidades que a literatura de produzir textos de qualidade, apesar de esse sofrer a premência de tempo e espaço. O autor acredita que a literatura também sofre um tipo de pressão, mas um pouco diferente. Enquanto o jornalista sofre a pressão das circunstâncias, do tempo que passa e do espaço que é limitado, o escritor vive com mais liberdade o ato da criação, sendo apenas pressionado pela vontade interior de chegar ao fim da obra, e pela necessidade de externar sentimentos e pensamentos. O autor destaca ainda (1955, p. 65) que no jornalismo, a busca da facilidade do ato de escrever, da *palavra-cliché*, do lugar-comum, é justificada pela necessidade que o jornal tem de abarcar todos os assuntos e formar um corpo de redatores e repórteres para o uso da rotina.

Para Cremilda Medina (1990), só um jornalista exposto à sensibilidade racionalidade e ações criativas precípua ao artista, poderá, ele próprio, se aperfeiçoar para conviver mais complexamente com o *real imediato*. A autora defende que a literatura seja uma fonte de informação para o jornalista, que dela retire um aprendizado, pois acredita que o aprendizado junto à arte traz ao comunicador estímulos e novas capacidades de simbolização. Para ela, o narrador da contemporaneidade tem que ousar, ultrapassando as garantias técnicas e navegando nas dúvidas criativas.

A literatura, ou a palavra-revelação por excelência, lhe oferece, entre as demais artes, um bom arsenal de estímulos e percepções. A percepção, observação e lida cotidiana se enriquecem; amplia-se a *cosmovisão*, assim como se ampliam as narrativas. Acima de tudo, a literatura ajuda o jornalista a que este se torne mais humano. (MEDINA, 1990, p.215).

Edvaldo Pereira Lima (1993) diz que a narrativa jornalística de melhor qualidade beira a arte; e, portanto, bebe-lhe da fonte inspiradora, e assume alguns dos no-

bres ideais de que esta pode revestir-se. O texto jornalístico elaborado com cuidado, fazendo o melhor uso da palavra e de sua força como espaço de negociação, com influência e eficiência, com capacidade de transportar o leitor aos valores, às realidades de outros seres, pode sim, beirar a arte. Em *Páginas Ampliadas*, ele fala sobre as qualidades necessárias a um livro-reportagem, de forma que ele possa garantir a fidelidade do leitor até o fim da narrativa, que certamente podem ser apropriadas por quem deseja elaborar um bom texto jornalístico.

O texto deve fluir com naturalidade, transitar suavemente de uma passagem a outra. Deve ter ritmo, cadência, um pulsar característico, que se altera de vez em quando, exatamente para combater o ruído da dispersão. A redundância, através da inserção de um mesmo dado, mas de modo diferente a cada vez, ao longo do texto, a colocação inesperada de dados novos ou a reordenação criativa de dados conhecidos, são recursos de que se pode utilizar para construir a narrativa fluente. (PEREIRA LIMA, 1993, p. 49).

Certamente, literatura e jornalismo têm elementos em suas narrativas que as caracterizam e as distinguem, mas a qualidade do texto, suas emoções, seus envoltórios, suas criatividades não parecem ser os responsáveis por uma separação tão grande. E é desta forma que jornalismo e literatura estão muito próximos. O jornalismo apropria-se de técnicas da literatura, e essa faz sua a vivacidade da narrativa jornalística. Reportagens bem feitas têm elementos literários; romances realistas factuais têm elementos jornalísticos. A qualidade de texto, entretanto, não é considerada uma diferença muito marcante. Octavio Aguilera (1992, p. 78) diz que as relações entre literatura e jornalismo muitas vezes são claras, por vezes tumultuadas, quase sempre polêmicas, mas sempre fascinantes e perturbadoras.

Literatura e jornalismo são dois territórios diferentes, mas não são territórios separados por barreiras intransponíveis que impeçam as apropriações, os entrelaçamentos, as *osmoses*. Não se trata de dizer que a literatura ou o jornalismo possam se transformar um no outro. Trata-se sim, de que, com características de linguagem

bem demarcadas e elementos distintos, em algumas manifestações, têm a ousadia de usar os pontos de intersecção para construir uma narrativa híbrida, na busca da aproximação com o leitor.

Antônio Olinto (1983) analisa que o jornalismo, ligado ao tempo que flui, à notícia que, um dia depois, é capaz de perder a força, sente-se preso ao imediato, à transitoriedade. O que, acredita ele, desperta o preconceito do cotidiano, do efêmero. O autor defende que este problema pode ser transposto, porque a transitoriedade, em sua opinião, não se limita à parte material que serve de veículo à notícia. Ele vê, desta forma, uma nítida separação entre o corpo e o espírito de jornal. Deste modo, o jornalismo é uma condição interior da obra, uma tentativa de descrição, um relato, um exame, uma aproximação direta com a realidade. Tanto jornalismo quanto literatura trabalham com a produção simbólica. A diferença está que o jornalismo tem como matéria-prima a informação factual; e a literatura pode utilizar-se da matéria-prima que desejar, seja ela ficção ou fato real.

Aquele pedaço de papel, com folhas soltas, que é substituído, no dia seguinte, por outro pedaço de papel mais atualizado, faz com que todos liguem o que está escrito à matéria que o difunde, e dêem, ao sentido das palavras, a vida breve que caracteriza o jornal como papel que é rasgado e jogado fora.(OLINTO, 1955, p. 06).

Enquanto ao jornalismo só é permitido lidar com o real atual, o que de fato aconteceu, à literatura é possível retirar seu material tanto do real atual quanto da *realidade potencial*, daquilo que poderia ter acontecido. O que permite à literatura utilizar-se de personagens desprovidos da proximidade com o real, enquanto o jornalismo precisa de fontes autorizadas, com declarações consideradas fidedignas. Do jornalismo é exigido a precisão, traduzido por credibilidade; já a literatura pode lidar com a indefinição.

O jornalista precisa empregar o tempo físico, aquele que tem mensurações precisas, apoiado na conexão entre causa e efeito, que é irreversível, que tem direção. Já a literatura, pode usar o tempo psicológico, o tempo

vívido, que é subjetivo e qualitativo, que está em permanente descoincidência com as medidas temporais objetivas, e que é variável de indivíduo para indivíduo. Outro elemento importante de diferenciação entre jornalismo e literatura caracteriza-se pela inserção, em alguns textos jornalísticos, da emoção, considerado anteriormente, como elemento apenas da literatura. Cremilda Medina (1990) analisa o fenômeno:

O parto da emoção terá de ser substantivo; a emoção deve passar por meio da atmosfera narrativa, da penetração sutil nas entrelinhas do diálogo, nos silêncios, no ritmo de cada pessoa. Todos os artifícios da experimentação que a linguagem artística acumula e reinventa: essa é a fonte inesgotável de aprendizado para o comunicador social. Mas há neste compromisso social, ou melhor, no pacto de ampla difusão da comunicação coletiva, um outro dado: a clareza e precisão de estilo. Aí se concentra a fronteira entre o experimentalismo totalmente livre na arte e o experimentalismo sob a medida legível no jornalismo ou na comunicação. (MEDINA, 1990, p. 83).

Enquanto o jornalismo precisa manter-se na realidade atual, tendo como personagem a pessoa real, o tempo passado recente; a literatura pode transformar a pessoa real em personagem fictícia, da mesma forma que pode criar um personagem do nada, da simples imaginação. O jornalismo busca o real/verdade para compor sua narrativa, mas enfrenta a influência de acontecimentos anteriores, de conceitos pré-concebidos, de histórias de vida, de experiências que antecederam o fato. Desta forma, seu olhar, ao dirigir-se ao fato, sofre essa influência que, certamente, será transmitida em sua narrativa. Não deixa de ser um olhar literário, inspirativo. É quando a *verossimilhança* ocupa o lugar da *verdade* como matéria-prima do texto jornalístico.

Desta forma, o texto jornalístico só tem sentido para o leitor quando contextualizado, quando colocado dentro de um tempo e espaço conhecidos por ele. É preciso que a montagem desse texto se faça sobre bases do universo da verdade, reconhecido por esse leitor. Uma narrativa jornalística, apesar de ser vinculada à verdade, estará baseada em interpretações pessoais, por sua vez

construídas sobre vivências anteriores, conceitos pré-determinados, leis subjetivas de análise dos fatos. É uma colcha de retalhos formada por vários pontos de vista apresentados pelas fontes de informação.

Entretanto, na medida em que o jornalismo impresso enfrenta uma acentuada perda de leitores e os meios eletrônicos expandem sua atuação, começa a surgir nas redações de jornais novas *tessituras* para a narrativa jornalística. São mudanças lentas, mas que representam um novo olhar, mais sensível, com menos rigidez e com maior proximidade com o leitor. Se o fenecer do produto à venda, a notícia, como classifica Cremilda Medina (1988, p. 86), deve-se ao esquematismo da fórmula de sua narrativa, existe ainda a possibilidade de uma reconstrução.

Essa nova maneira de olhar, dando voz aos personagens, deixando que suas vidas repletas de emoção invadam as páginas dos jornais, pode ser um caminho para a reconquista de leitores. Se é o olhar que determina o que será visto como real, então as palavras que irão contá-lo podem transfigurar-se, deixar de lado as certezas, sempre impostas ao jornalismo, e fazer com que sejam transpostos os limites entre o jornalismo e a literatura. É necessário repensar os esquematismos estanques e relativizar as verdades, até então concebidas como monolíticas.

Em busca de outros ângulos para o *fazer jornalístico*

Como se percebe, a afinidade existente entre literatura e jornalismo, e a utilização de alguns elementos da literatura, por parte do jornalismo, estabelece pontos de intersecção entre ambos. A tendência de alguns profissionais em não se conterem em seguir o esquematismo de fórmulas rígidas de construção da narrativa jornalística, conforme foi enfatizado por tantos autores, possibilitou, ao longo do uso da língua e da liberdade que os gêneros permitiram, este riquíssimo intercâmbio, aqui brevemente exemplificado. É esta possibilidade de transposição dos limites entre as duas narrativas que as transformam em áreas complementares e não excludentes.

Ao se permitir certas transgressões em relação ao gênero estabelecido, percebe-se uma invasão de subjetividade nas páginas dos jornais, diluindo a tradicional objetividade das perguntas *O Que, Quem, Quando, Como, Onde e Por Qué*, que, se exigem palavras simples, de entendimento geral, carecem de um maior aprofundamento no tocante aos *aspectos subjetivos dos fatos*, inseparáveis do olhar jornalístico, seja no momento em que o repórter faz uma cobertura; seja no momento em que reedita àqueles fatos, transpondo-os para a narrativa escrita. Tais elementos, que constituem o *lead*, não precisam e não podem ser esquecidos. Entretanto, podem ser perfeitamente reorganizados, reequacionados e articulados de uma outra forma no *fazer textual*, abandonando o processo *linear* de construção jornalística que, em uma visão simplista, busca a *reprodução da realidade*, não deixando espaço sequer para o *colorido da vida*, que é justamente o que cativa os diferentes leitores pela sua fluidez. A transgressão a esse estilo pré-estabelecido, tido como estritamente jornalístico, deve ser levada em consideração não somente na dimensão das redações de jornais como também na observação e coleta dos fatos cotidianos.

Esta aproximação possível entre literatura e jornalismo tem ocupado cada vez mais espaço nos jornais diários, ainda que, de maneira discreta. Trata-se da construção de uma tessitura que se coloca entre a rigidez muitas vezes imposta ao jornalismo e a estética evidenciada na literatura. Essa *osmose*, como definiu Cremilda Medina (1996, p. 212), que ocorre na construção de uma *narrativa híbrida*, é a busca pela arquitetura textual da literatura, para relatar a *informação factual*, característica do jornalismo.

O uso de elementos da literatura não implica, no entanto, uma alteração das características intrínsecas ao texto jornalístico. É uma união feliz, onde uma complementa a outra, fundindo-se em uma tessitura rica e complexa que transborda os paradigmas tradicionalmente aceitos. O leitor celebra nesta *comunidade de palavras* a emoção, a subjetividade, a humanização dos acontecimentos, por mais triviais que sejam. Ao invés da notícia

desprovida de sabor, o leitor terá uma vivência maior com o *belo* que existe no *cotidiano* e que vem à tona, justamente, através dos sentimentos de uma sociedade, dos relatos de vida de seus integrantes e de suas contradições.

A busca de interação com o leitor proporciona essa diferença entre uma narrativa esquematizada e uma narrativa permeável. E isso pode ser observado em alguns jornalistas que já são capazes de perceber que os modelos tradicionais de gênero jornalístico não mais atendem às necessidades de uma sociedade em constante evolução. Os leitores, por sua vez, claro que desejam uma abordagem profunda da notícia; uma avaliação de seus efeitos; um entendimento de suas causas; uma visão de *como* as pessoas sofrem a *ação dos fatos*; mas também se interessam pelo *prazer da leitura*, o prender-se ao texto, característica da literatura. Os conhecimentos adquiridos através da leitura ficcional podem, e devem ser, ferramentas úteis na construção dos referenciais interiores do jornalista, de sua *mundivivência*, fornecida pela palavra-revelação, com suas realidades e seu imaginário, que será expresso no novo *tecido* de seu texto. A reconstituição de um evento por parte do jornalista é um ato de codificação complexo, que depende em grande parte do ponto de vista que o ilumina; da subjetividade do repórter e das vozes autorizadas de que se utiliza para compor a narrativa, que sempre será uma construção aproximada do real, pois é improvável a apreensão do fato em sua totalidade. O mais importante desta *narrativa híbrida*, que começa a surgir no horizonte jornalístico, é a consciência da *presença da subjetividade* em todas as instâncias envolvidas no processo. *O sujeito é inseparável da linguagem*, seja ela jornalística, literária, artística, teatral ou poética. Talvez a aceitação dessa perspectiva venha a transformar definitivamente as relações entre escritores e jornalistas, remodelando a própria essência do *fazer jornalístico*. Trata-se de um *outro olhar* sobre o *mundo dos fatos* na construção de um texto; ou, por que não dizer, de um *novo mundo representado pelo texto*.